

Protestantismo e Cultura – Inserção, Dificuldades e Propostas

Alonso Gonçalves¹

Resumo

A partir de um levantamento preliminar da cultura brasileira e da inserção do protestantismo no Brasil com suas facetas ideológicas, políticas e teológicas, a proposta é fazer apontamentos em torno da cultura e do protestantismo de missão, demonstrando as principais dificuldades de diálogo e inserção deste ramo do Cristianismo com a matriz cultural e religiosa do país, procurando ainda abrir caminhos convergentes com mediações que contemplem o espírito protestante com a cultura brasileira.

Palavras-chaves: Protestantismo, cultura brasileira, religiosidade, diálogo.

Abstract

From a preliminary survey of Brazilian culture and the insertion of Protestantism in Brazil with its facets ideological, political and theological, the proposal is to make notes about the culture and the Protestant mission, showing the main difficulties of dialogue and entering this branch with the matrix of Christianity and religious culture of the country, still looking for open paths converged mediations dealing with the Protestant spirit and culture brazilian.

Keywords: Protestantism, Brazilian culture, religion, dialogue.

¹ Pastor Batista (Igreja Batista Memorial em Iporanga/SP); Bacharel em Teologia (FAETESP); Licenciatura Plena em Filosofia (FAEME); Professor de Filosofia e Sociologia no ensino público; Professor Colaborador no Seminário Teológico Batista Grandes Lagos; Áreas de interesse: Bíblia/Novo Testamento, Teologia Latino-americana, Contemporânea e Sistemática; alonso3134@hotmail.com; pralgoncalves@yahoo.com.br; blog COMPARTILHANDO <www.wibmi.blogspot.com>.

Introdução

Com um *ethos* de comportamento e ideologia importado do norte, o protestantismo, presente no país já no século XIX, não soube trabalhar com a cultura brasileira. A dificuldade se deu em não coadunar a realidade do país, com suas matrizes culturais e religiosas, com o protestantismo de missão. Buscando um completo distanciamento da cultura brasileira e da religiosidade do povo, o protestantismo cresceu com uma mensagem exclusivista e isolacionista, onde a conversão significava total rompimento com o contexto social, cultural e religioso do indivíduo.

A partir da cultura brasileira e suas expressões, o texto segue colocando o protestantismo no Brasil e suas dificuldades de integração cultural, por conta de sua proposta identitária e ideológica. Apontadas as dificuldades, é possível abrir caminhos para um diálogo com mediações que contemplem o espírito protestante.

1. CULTURA BRASILEIRA, SÍNTESE

Para entender o Brasil é preciso olhar para as raízes que compõe a nossa cultura. Como diz Marilena Chauí, o Brasil não foi descoberto, foi inventado.² Antes de “brasil” ser Brasil, havia os índios e sua cultura animista e peculiar por aqui. Aqui se formou uma cultura de miscigenação. O país tem na sua configuração a cultura do índio, do negro e do português, cada uma, a sua maneira, irá contribuir para o Brasil ser esse amálgama cultural.³ Ignorar essa diversidade é ignorar o fundamento cultural do país.

Dentro dessa perspectiva, há pensadores abrazeirados como Gilberto Freyre,⁴ Sérgio Buarque de Holanda,⁵ Roberto DaMatta,⁶ Darcy Ribeiro,⁷ apenas para citar alguns, que desenvolveram uma interpretação da cultura brasileira. Freyre com sua miscigenação benéfica para a nação, fazendo uma ponte entre a Casa-Grande, os senhores, e a Senzala, os escravos; há ainda DaMatta e sua trilogia da identidade

² Cf. CHAUI, Marilena. Brasil; mito fundador e sociedade autoritária. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/TLsXL6jP/Marilena_Chau_i_-_Brasil_Mito_f.htm>. Acesso em: 15 ago. 2010.

³ Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p 11.

⁴ Cf. Casa-Grande & Senzala, Record, 1998.

⁵ Cf. Raízes do Brasil, Companhia das Letras, 2004.

⁶ Cf. Carnavais, malandros e heróis, Rocco, 1997.

⁷ Cf. O povo brasileiro, Companhia das Letras, 1995.

brasileira: parada militar, procissão e carnaval; Sérgio Buarque de Holanda e a construção cultural do Brasil desde a colonização.

Esses pensadores traçaram um perfil, uma identidade para a cultura brasileira, em todas as interpretações a figura do índio, do negro e do europeu português é marcante. Por isso é preciso olhar a cultura, os rituais, as danças, os conceitos, os costumes, a comida os quais este povo multifacetado que se tornou Brasil produziu. É em relação a isso que o protestantismo não soube lidar e se integrar, pelo contrário, quis mudar, imprimir o jeito *wasp*⁸ e não o modo *tupiniquim* de ser protestante brasileiro.⁹

2. PROTESTANTISMO NO BRASIL: INSERÇÃO, CARACTERÍSTICAS E DIFICULDADES COM A CULTURA BRASILEIRA

A presença protestante no Brasil se dá em 1555, com a expedição francesa de Villegaignon, incentivada pelo próprio Calvino.¹⁰ O propósito era criar uma colônia calvinista em solo brasileiro, mas o trabalho não deu resultados positivos devido ao conflito entre Villegaignon e os pastores.¹¹ A primeira tentativa de se fazer presente no país foi suprimida. Segundo Adilson Schultz,

Quase não houve protestantes no Brasil por mais de um século, exceto esporádicos negociantes e aventureiros. A situação mudou a partir de 1810, com a chegada da Família Real ao Brasil e a consequente abertura dos portos para os ingleses. O tratado assinado pelos dois governos concedia liberdade religiosa aos britânicos protestantes instalados no Brasil.¹²

A chegada dos protestantes ao Brasil se dá em duas vertentes: o protestantismo de imigração,¹³ com suas colônias no sul do país; o protestantismo de missão, missionários que chegaram ao país com o intuito de evangelizar.¹⁴ No primeiro há um

⁸ A expressão *wasp* significa: branco, anglo saxônico, protestante. Uma marca da cultura estadunidense.

⁹ Cf. ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim*; hipótese sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte Editorial, 2005, p 69.

¹⁰ Cf. MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir*; a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1995, p 23-24.

¹¹ Cf. SCHULTZ, Adilson. *Deus está presente – o diabo está no meio*; o protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro. Tese de doutorado, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005. Disponível em:

<http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/Textos/Doutor/Schultz_a_td48.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2010, p 110.

¹² Id. *Ibid.*, p 111.

¹³ O protestantismo de imigração é identificado com a Igreja Luterana, embora haja estudiosos que discordem dessa nomenclatura.

¹⁴ As igrejas que compõem o protestantismo de missão são: metodista, presbiteriana, batista e anglicana.

protestantismo étnico, sem nenhuma intenção de integração com a cultura do país, apenas preservar a cultura herdada dos países de origem.¹⁵ No segundo tipo de protestantismo, se caracterizou não pela inclusão cultural, mas sim pela rivalidade com o catolicismo. O protestantismo de missão cria a sua identidade a partir do confronto com o catolicismo. É indubitável que o catolicismo perseguiu a nova religião no Brasil, proibindo o protestantismo de fazer seus templos dentre outras coisas, mas o fato é que a mensagem protestante se deu em cima do catolicismo. O protestantismo viu no catolicismo o símbolo da idolatria, da superstição, da ignorância, do atraso, resíduo da Idade Média.¹⁶ Essas características fizeram com que o protestantismo repudiasse o catolicismo e, por conta disso, houve a completa ruptura com a cultura brasileira que tem no catolicismo sua matriz.

O protestantismo marcou o Brasil com ideais de liberdade, democracia, modernidade e progresso, por isso contou com a simpatia de grandes nomes como Rui Barbosa dentre outros. Suas principais características são: sistema republicano de governo, um Estado laico; economia liberal; filosofia positivista e liberalismo; no campo religioso, o anticlericalismo e anticatolicismo; no tema educação, a inovação com métodos e ferramentas de ensino.¹⁷

2.1. Características do protestantismo e suas dificuldades com a cultura brasileira

O protestantismo de missão chegou ao Brasil com uma mensagem pronta, não alterou em nada a sua cosmovisão: a suficiência da Bíblia; o arrependimento como imperativo; a entrega a Cristo; o afastamento do mundo cheio de pecados; o abandono da idolatria e dos santos.¹⁸ A visão de mundo sempre esteve atrelada ao maniqueísmo, onde coloca em constante dicotomia o mundo e o Reino de Deus, ou a igreja. Na eclesiologia a postura foi de não envolvimento com as questões políticas do país, com um discurso e teologia de peregrinação, ideia de que se está no mundo, mas não

¹⁵ Cf. WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismos latino-americanos: entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais. In. FERREIRA, João Cesário Leonel (org.). *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009, pp 15-46.

¹⁶ Cf. ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982, p 61 (Col. Libertação e Teologia).

¹⁷ Cf. ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola/Teológica, 2005, p 48.

¹⁸ Cf. SCHULTZ, *Ibid.*, p 123.

pertence a ele, e que, portanto, não deve se envolver com coisas dessa terra. Além disso, contou com uma clara ideia de que a cultura não comporta nada de divino.

As principais características que impediram o protestantismo acentuar de forma significativa a sua presença no Brasil foram:

1. O anticatolicismo: formou-se uma identidade em cima do catolicismo, este tratado como retrógrado e antiquado para o atual momento histórico do país.

2. Imbuídos da concepção de *paraíso na terra*, tão difundida nos Estados Unidos, os missionários não souberam trabalhar com a cultura local, mas pelo contrário, repudiaram-na como se fosse totalmente avessa ao Cristianismo. Ensinaram que era preciso fazer uma completa ruptura com o meio em que se vivia, adotando o jeito estadunidense de ser. Com isso, o protestantismo foi construído em cima da negação da sexualidade, da atuação política, da participação artística, do incentivo ao lazer, da vida em sociedade.¹⁹

3. Na área teológica o fundamentalismo também contribuiu e muito para o confronto com a cultura brasileira. Os fundamentalistas surgem como apologistas da verdadeira fé em contraste com a teologia liberal europeia. Não entrando em detalhes históricos quanto ao surgimento do termo ligado aos presbiterianos e a assembléia que definiu os cinco fundamentos da fé, ou aos professores de Princeton e sua pureza doutrinária, ou ao batista Curtis Lee Laws e o periódico batista, que vinculava o fundamentalismo da Convenção Batista do Sul, os fundamentalistas preconizam a inerrância da Bíblia e têm uma postura hermenêutica literalista do texto. Diante disso, Antonio Gouvêa Mendonça irá dizer que o protestantismo tem uma vocação para o fundamentalismo, pois este impede o diálogo quando se coloca como dono da verdade e possuidor de algo exclusivo. As marcas do fundamentalismo, segundo Mendonça, são: ele quer certezas, daí seu dogmatismo; ele se esforça por se auto-identificar, daí sua ética isolacionista. A mentalidade é isolacionista e anticultural, daí sua ausência na cultura.²⁰

4. Outro ponto teológico de destaque no protestantismo que impediu um diálogo com a cultura foi a concepção pré-milenista. A disputa entre pré-milenismo e

¹⁹ Cf. ALENCAR, *Ibid.*, p 71.

²⁰ Cf. MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Vocação ao fundamentalismo: introdução ao espírito do protestantismo de missão no Brasil*. In. MENDONÇA, Antonio Gouvêa & VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990, p 143.

pós-milenismo começou nos EUA por volta do século XIX. Enquanto o pós-milenismo tinha como pano de fundo o mito do progresso social no qual se entendia que havia a possibilidade de uma vida de perfeita santidade, isso significava uma melhoria progressiva e constante da sociedade através dos indivíduos aperfeiçoados. Esse progresso, portanto, viria pela ação normal da igreja que prepararia a segunda vinda de Cristo. O grande pregador do pós-milenismo foi Jonathan Edwards no século XVIII que, assim, incentivou as campanhas missionárias nos EUA e em outros países. Na concepção do pós-milenismo, o Reino de Deus, já a caminho, devia ser compartilhado com outros povos. Já o pré-milenismo é totalmente diferente, este entende que o ser humano é incapaz de se aperfeiçoar. Assim, o Milênio (Reino de Deus) só seria possível com a volta de Cristo para implantá-lo. Essa concepção ganhou força a partir dos anos 70 do século XIX. O resultado foi o progressivo distanciamento entre a Igreja e o mundo, incompatibilizando-a com projetos de melhoria social. A Igreja, voltada para si mesma, concentrou-se na evangelização e nas missões estrangeiras. O pré-milenismo chocou-se de frente com o Evangelho Social,²¹ sendo contra a qualquer forma de compromisso eclesial com as mudanças estruturais da sociedade. Esta concepção afastou ainda mais a igreja da cultura brasileira, produzindo verdadeiros guetos nas igrejas, povo separado de tudo e de todos. O pós-milenismo foi inteiramente superado no Brasil pelo pré-milenismo.

A rejeição da cultura brasileira não se deu apenas por razões teológicas e ideológicas, mas também por razões raciais, segundo analisa Alencar: “samba, originalmente, era música do morro, de negro e pobre, e foi rejeitada pelas igrejas protestantes, muito mais por racismo que por razões teológicas”.²² Suprimiu uma cultura e colocou em seu lugar outra. Cantam-se hinos de autores estrangeiros; leem-se livros de teólogos estrangeiros; produz teologia estrangeira; publica-se livros mais de estrangeiros que brasileiros; reproduz uma liturgia estrangeira em detrimento da brasileira. A integração, a inculturação não cabe no protestantismo que não soube lidar, desde os primórdios, com a cultura heterogênea brasileira. É possível mediações?

²¹ Fruto do liberalismo do final do século XIX e início do XX. A ênfase foi na transformação da sociedade através de mudanças nas suas estruturas.

²² ALENCAR, *Ibid.*, p 79.

3. MEDIAÇÕES ENTRE O PROTESTANTISMO E A CULTURA BRASILEIRA

Cultura brasileira é esse jeito todo nosso de ser. Conforme Marilena Chauí,²³ o Brasil é um povo novo formado pela mistura de três raças valorosas: os corajosos índios, os estoicos negros e os bravos e sentimentais lusitanos. Dessa mistura surgiu a nossa culinária, o samba, a alegria, o espírito guerreiro, a forma de ver a vida com destreza e divertimento. Contrariando isso, o protestantismo não assimilou a cultura brasileira, demonizando-a e repudiando as festas, o lazer.²⁴ Apenas para uma breve comparação, enquanto o protestantismo faz uma ruptura com a cultura, o neopentecostalismo faz uma assimilação, incorporando a música, as credices do povo e lidando com o imaginário religioso brasileiro. Nas observações de Alencar,²⁵ o neopentecostalismo assimila a cultura e faz dela um instrumento de aproximação. Não está em discussão o sincretismo neopentecostal, mas apenas uma constatação: o neopentecostalismo soube trabalhar com a cultura popular promovendo uma integração.

3.1. Protestantismo e brasilidade

É possível que, no futuro, esquecidos os preconceitos históricos e cessada a propaganda ideológica fundamentalista, surja neste campo religioso uma prática religiosa popular comum, enraizada na tradição cristã e estruturada na cultura brasileira.²⁶

O protestantismo tem condições de dialogar com a cultura brasileira com os seus princípios que nortearam a sua história. Princípios que foram sendo solapados pelo fundamentalismo e o pré-milenismo. A Reforma Protestante tem como principal elemento o discurso da liberdade; a não conformação com mediações entre Deus e o ser humano, a não ser ele mesmo; consciências livres. Segundo Rubem Alves,²⁷ há quatro pilares na Reforma Protestante: 1) liberdade: o início, o motor da reforma; 2) graça: salvação é um problema de Deus, não nosso, ocupemos com a terra; 3) fé: salvos pela confiança em Deus, não por condicionamento humano; 4) teimosia profética: a denúncia

²³ Cf. CHAÚÍ, *Ibid.*

²⁴ Cf. SCHULTZ, *Ibid.*, p 124.

²⁵ Cf. ALENCAR, *Ibid.*, p 151.

²⁶ Antonio Gouvêa Mendonça, *apud* PINHEIRO, Jorge. *Deus é brasileiro: as brasilidades e o Reino de Deus*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008, p 2.

²⁷ Cf. *Apud*, SCHULTZ, *Ibid.*, p 124, nota 530.

é a tarefa protestante. Esses quatro elementos formam o *ser* protestante. É com eles que o diálogo, a integração e a convergência com a cultura deveriam ser tratados.

Uma vez descontaminado das declarações doutrinárias, dos dogmas, dos preconceitos, o protestantismo conta com um princípio que, segundo Paul Tillich, ultrapassa a confessionalidade: “o que torna o protestantismo protestante é o fato dele poder transcender o próprio caráter religioso e confessional e a impossibilidade e se identificar completamente com qualquer de suas formas históricas particulares”.²⁸

A partir desse espírito protestante, é possível construir caminhos que levem em consideração a multiculturalidade; leve em consideração as raízes do povo, o que o compõe. Pinheiro entende que é possível ao protestantismo contribuir com um relacionamento pessoal com a brasilidade, já que um protestantismo sem raízes contradiz a universalidade do Cristianismo.²⁹

É imprescindível que haja o diálogo, pois somente por meio dele será possível um protestantismo inserido no multiculturalismo brasileiro.³⁰

Há pelo menos três mediações possíveis para o protestantismo se integrar a cultura brasileira:

1). Inculturação: o puritanismo dando lugar ao brasileirismo. A inculturação é a realização da fé e da experiência cristã numa cultura que se expresse com *elementos culturais* próprios.³¹ Portanto, a transposição de elementos de uma cultura para outra não é possível. Trabalha-se com os ideais, as formas, os costumes, o modo de vida do povo agregando assim o Evangelho.

2). Ecumenismo: é um tema indispensável para a teologia e a religião. Não é mais possível um exclusivismo religioso. É necessária uma abertura para o outro entendendo a sua cosmovisão e maneira de ler o Sagrado.

3). Sincretismo: o sincretismo tem as suas debilidades, mas no geral sincretismo envolve a capacidade universalista do Cristianismo de falar todas as línguas, de encarnar-se nas culturas humanas.³² Conforme Afonso Soares,³³ o

²⁸ Cf. *Apud*, SCHULTZ, *Ibid.*, p 257.

²⁹ Cf. PINHEIRO, *Ibid.*, p 123-124.

³⁰ Cf. PINHEIRO, *Ibid.*, p 126.

³¹ Cf. MIRANDA, Mario de França. *Inculturação da fé; uma abordagem teológica*. São Paulo: Loyola, 2001, p 38 (Col. Theologica).

³² Cf. BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder; ensaios de eclesiologia militante*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982, p 149.

sincretismo é o abarcamento do pluralismo religioso e suas multifaces. É a possibilidade de diálogo inter-religioso.

Considerações finais

O protestantismo é um movimento que ficou a margem da cultura e dos grandes temas do país. No princípio contribuiu com uma educação inovadora e influenciou, juntamente com a maçonaria, a construção do Brasil republicano.³⁴ Além disso, o protestantismo se fechou para o país em questões religiosas e culturais. Estruturado no modo de vida estadunidense de ser, o protestantismo brasileiro ficou refém de uma liturgia, teologia e eclesiologia importada. Aquelas denominações que ousaram ultrapassar esta linha, foram marginalizadas. Duas coisas contribuíram para este *apartheid* protestante, o fundamentalismo, juntamente com um exclusivismo, e o pré-milenismo que colocou tudo na conta do céu.³⁵

É claro que estes argumentos de integração, diálogo, e convergência com a cultura brasileira, vão na contramão de muitos conceitos e ideias vinculados durante anos no imaginário protestante brasileiro. Sugerir mediações como inculturação, ecumenismo e sincretismo como forma de aproximação contrariam e muito diversos preceitos doutrinários. Mas é possível começar um debate sobre o tema, uma vez que diversos pesquisadores iniciaram a discussão na academia.³⁶ Considerando as forças teológicas conservadoras tanto na teologia como na eclesiologia, entendo que se faz necessário abrir um diálogo respeitoso, coerente e convergente com a cultura brasileira e suas manifestações. Se não for por esses caminhos aqui apontados, que surjam outros, conquanto que se tome consciência de que esta discussão é imprescindível para o protestantismo brasileiro.

³³ Cf. SOARES, Afonso Maria Ligorio. Sincretismo e teologia interconfessional. *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*, ano VI, n.º 27. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/12/02-Sincretismo-e-teologia.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2010.

³⁴ Cf. VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. 2ª ed. Brasília: UNB, 1980.

³⁵ Cf. MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A Bíblia cativa, Cristo no céu e a Igreja ausente. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo: UMESP, ano IV, n.º 6, Abr. 1989, p 164-182.

³⁶ Apenas para constatação: Jorge Pinheiro (batista), seu texto foi usado aqui; Carlos Eduardo Calvani (anglicano), *Teologia e MPB* (Loyola, 1998) e Adilson Schultz (luterano) que contribuiu e muito com a sua tese de doutorado para o debate sobre o tema.

Bibliografia

ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim; hipótese sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982, (Col. Libertação e Teologia).

_____. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola/Teológica, 2005.

BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder; ensaios de eclesiologia militante*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil; mito fundador e sociedade autoritária*. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/TLsXL6jP/Marilena_Chauí_-_Brasil_Mito_f.htm>. Acesso em: 15 ago. 2010.

FERREIRA, João Cesário Leonel (org.). *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir; a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

_____. *Vocação ao fundamentalismo: introdução ao espírito do protestantismo de missão no Brasil*. In. MENDONÇA, Antonio Gouvêa & VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

MIRANDA, Mario de França. *Inculturação da fé; uma abordagem teológica*. São Paulo: Loyola, 2001, (Col. Theologica).

PINHEIRO, Jorge. *Deus é brasileiro; as brasilidades e o Reino de Deus*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

SCHULTZ, Adilson. *Deus está presente – o diabo está no meio; o protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro*. Tese de doutorado, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/Textos/Doutor/Schultz_a_td48.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2010.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. *Sincretismo e teologia interconfessional*. *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*, ano VI, n.º 27. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/12/02-Sincretismo-e-teologia.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.